

**CIDADE DOS HOMENS:**

**UMA ANÁLISE SOBRE O CAMINHAR FEMININO**

Autor: Hulda Wehmann

Professora Doutora, Instituto Federal de Educação,

Ciência e Tecnologia de São Paulo

E-mail: Wehmann.hulda@gmail.com

Autor: Maria Eduarda Cavati

Discente bolsista do PIBIC/AM da Universidade Anhembi Morumbi

E-mail: cavatimedeiros@gmail.com

**RESUMO:**

Considerando-se o espaço urbano como reflexo e condição para a sociedade que o produz, objetiva-se identificar neste artigo como as mulheres interpretam e ocupam a cidade, a partir da dinâmica do caminhar. Fazendo uso da metodologia de entrevista de profundidade de caráter fenomenológico, buscou-se aqui entender quais elementos urbanos condicionam o direito ao caminhar das mulheres, discutindo o direito a cidade, as crenças sociais e o direito a cidade. Como resultado, têm-se que o gênero feminino possui relação de ambiguidade com a cidade e com o caminhar, devido a percepção de que as mulheres não são “proprietárias” do espaço, mas sim inquilinas, nem sempre bem vidas, como diria Certeau (1997). Desta forma a pesquisa possibilitou entender quais espaços da malha urbana são problemáticas feminina, além de facilitar a compreensão de quais questões históricas e culturais auxiliam nessa dinâmica de uso.

Palavras-chave: Planejamento urbano; caminhar feminino, gênero feminino.

GT – 11: Práticas culturais na produção da cidade

## INTRODUÇÃO

David Harvey, em seu livro “Espaços de Esperança”, ao falar das relações entre o indivíduo, utopias e a cidade, cita o antigo ditado grego que diz: As coisas que fazemos fazemos a nós, e prossegue com as ideias de Robert Park, sociólogo da escola de Chicago, justificando que “ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmos” (HARVEY, 2004, p.210). Tais enunciados emulam a Heidegger, que, em seu texto seminal “CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR” (1951), diz que só é possível habitar o que se constrói, definindo o habitar como o modo privilegiado de conectar-se à existência, possível através da (re)construção material e poética do espaço. A cidade, enquanto mundo cotidiano de um número sempre crescente de humanos, reflete, e ao mesmo tempo, intervém, nos cotidianos, nas vidas e nas construções individuais dos que a habitam.

Numa cidade produzida por uma sociedade ainda marcadamente sexista, como se dá a experiência urbana para as mulheres? Será que este espaço, simbólico e concreto, interfere, aumenta ou é indiferente às imposições machistas que caracterizam a organização social? O presente trabalho tem como intuito apresentar resultados referentes à pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas em profundidade, objetivando compreender as dinâmicas e percepções experienciadas por mulheres de diferentes idades e condições sociais, e de que forma o espaço urbano dialoga com seu entendimento de liberdade e inserção social. Como resultante deste estudo, compreendeu-se que o caminhar é um movimento de conflito, e tem como encargo ser uma ação política, como defende Rancière (2010, p.12), pelas utopias criadas e realidade. Observar-se, como diz Certeau (1997), que por entre as gramáticas ofertadas, frases diversas são construídas pelas habitantes do espaço urbano, na tessitura que conta suas vidas na cidade.

O caminhar, em primeiro momento, é considerado uma atividade libertadora muito por não possuir custo monetário, e por facilitar a escolha de rotas a serem tomadas. Entretanto a liberdade pela está condicionada apenas aos homens, a liberdade feminina é restrita e retirada da mulher pelas estruturas opressoras de gênero, que se manifestam por meio das violências

específicas de gênero, como assédio ou violência sexual, além da pressão estética imposta socialmente sobre o corpo feminino e os padrões estéticos considerados socialmente aceitáveis.

Como metodologia foi usado a pesquisa qualitativa, orientada por princípios da pesquisa qualitativa fenomenológica, que permite evidenciar as situações vividas em seu mais claro aspecto (WEHMANN, 2019, p. 155). O objetivo final, se torna, compreender como o planejamento urbano construído afeta as dinâmicas do caminhar feminino.



Figura 1: Medo do mundo

Fonte: Instituto dou da paz

## ESPAÇOS MASCULINOS E SUA RELAÇÃO COM O GÊNERO FEMININO

As mulheres começaram a ter seus direitos levados em consideração na década de 80, em áreas como economia, política, literatura, artes... Mesmo com estes avanços os estudos sobre urbanismo moderno e planejamento urbano ainda eram feitos por padrões masculinos, ou seja, figuras masculinas, heterossexuais, brancas e europeias. Desta forma, sustentando a

prerrogativa de que as questões de gênero não fazem parte das construções das cidades (SEBALHOS, 2018, p. 80).

Mesmo com a predominância feminina nas ruas das cidades, a malha urbana ainda configura espaços que não permitem que o caminhar seja realizado. Desta forma, o desenho de cidade atual que desconsidera as questões de gênero, constroem os chamados de espaços de opressão mascarada, espaços estes que servem de facilitadores para as pequenas violências diárias, que tratam de repor e manter um ciclo de desigualdade, por meio da negação dos direitos femininos e reafirmação da garantia dos direitos dos homens (SEBALHOS, 2018, p. 84).

A predominância masculina na produção da urbe configurou um desenho do espaço público dividido de acordo com as funções atribuídas historicamente aos gêneros, assim, a rua é dominada pela presença masculina que era responsável por prover e o espaço privado, a casa, dominado pela figura feminina que tinha como função cuidar das tarefas domésticas e dos filhos, as afastando de toda socialização urbana (BOURDIEU, 2002). Tais papéis são reafirmados pela presença do capitalismo, onde as funções pré-estabelecidas se manifestam de forma marcante devido ao sexíssimo presente (FEDERICI, 2004, p.37), ou seja, o corpo feminino ganha um novo significado que auxiliam no urbanismo moderno, onde segundo Silvia:

“O corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçando a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho.” (FEDERICI, 2004, p.34)

Sendo assim, o corpo da mulher é considerado de poder público, e quando colocado em território que não apresenta estratégias para sua proteção, é alvo constante de exploração, ameaças, violências físicas e verbais e assédio.

## **O TERRITÓRIO, O CORPO FEMININO E SUAS RELAÇÕES**

O recorte de entrevistas foi realizado com diferentes representantes dos estereótipos femininos existentes, contendo a participação de mulheres cisgênero, mulheres que fazem parte

da comunidade LGBTQIA+, brancas, negras, idosas, e mulheres que são mães e transitam com seus filhos, após uma análise percebeu-se que para uma compreensão total do caminhar feminino era necessário a realização da entrevista com alguns estereótipos masculinos, sendo um heterossexual que performa masculinidade e um homossexual que performa mais feminilidade, tendo como foco principal o estudo das relações construídas entre o território e o corpo feminino.

As histórias dos entrevistados contam com as experiências cotidianas vividas, e trazem marcas das feridas geradas pelos abusos e violências sofridas constantemente pelas mulheres, e nos possibilita entender suas motivações de rotas ao caminhar, e quais elementos físicos, visíveis ou invisíveis tendem a ser evitados desses trajetos.

A análise nos fez sintetizar as marcas causadas pelo planejamento urbano masculino em três eixos principais: O sentimento do caminhar; espaços de insegurança e espaços de trauma.

## **O SENTIMENTO DO CAMINHAR**

O caminhar para o coletivo feminino é uma grande ambiguidade, hora visto como liberdade, devido ao deslocamento pela cidade, hora tido como uma experiência negativa devido as condições cercadoras, que reafirmam que a rua não é um espaço feminino, que segundo Rancière é definido pela ordem policial.

Tal ambiguidade é evidenciada quando as mulheres são condicionadas a caminhar por parâmetros como: lugares, horários, vestimentas e percursos adequados:

“Mas pra mim caminhar é uma coisa muito ambígua, porque eu gosto muito de caminhar, sou uma pessoa que caminha à toa, às vezes eu decido sair andando por aí e quando eu chegar na esquina sei lá, se eu encontrar uma mulher eu viro pra direita e se eu encontrar um homem eu viro pra esquerda enfim eu pego minhas coisas e saio andando.” (F, 34 anos)

“Hoje eu caminho preocupada, tipo com o que eu to vestindo com a forma que as pessoas estão me olhando.” (C, 24 anos)

“Nossa é uma coisa muito louca, tem muitas questões, eu acho que depende do lugar, então depende de quem vai, existem sensações diferentes e geralmente não são sensações positivas” (R, 23 anos)

“O primeiro sentimento que me vem é um sentimento de incômodo.”  
(L, 22 anos)

Como prerrogativa das situações que negativam o espaço sobre a ótica feminina, estão inseridos não somente questões relacionados a morfologia urbana, mas intrinsecamente estão ligados a fatores sociais, que despertam sentimentos de medo e insegurança nas mulheres, e geram bloqueios sobre determinados espaços.

“Bom, como mulher a pior coisa é você está andando e ter gente mexendo de alguma forma, todo mundo tem essa experiência sendo mulher, em qualquer lugar que você vai, mas em alguns lugares menos. Então eu acho que essa é a pior experiência, você tá andando e se sentir observada de alguma forma e sei lá você acha que você tem alguma coisa errada, e você quer sair daquele lugar o mais rápido possível, quando você percebe que tá sendo de alguma forma observada, e tão sei lá falando alguma coisa pra você e mexendo de alguma forma com a sua individualidade, ou entrando em algum lugar que não era pra tá sendo interferido.” (J, 25 anos)

“Por exemplo se tem homens, sendo mulher, se tem homens sozinhos, ou se tem só homens, eu fico insegura de passar, por exemplo em uma rua que tem um barzinho e vários homens ali porque você já sabe, sei lá que vão ter olhares vão ter comentários, e aí geralmente eu atravesso a rua passo pro outro lado, então lugares que tem barzinho de calçada, com cadeiras da calçada e um grupos de homens, e sei lá, um homem parado sozinho na rua eu geralmente vou mudar de lugar e ir pro outro lado.” (J, 25 anos)

O único entrevistado que mostrou uma relação única e exclusiva de afeto em sua fala, foi o único homem cis heterossexual entrevistado, este relata sem quaisquer dúvidas:

“Liberdade, eu me sinto livre.” (G, 15 anos)

O que nos permite evidenciar que todos e quaisquer aspectos ligados a feminilidade, são vistos como vulneráveis diante das dinâmicas do caminhar. Além de nos reafirmar que a cidade pensada por e para homens brancos, heterossexuais, só funciona em sua integridade, para os mesmos.

A partir dessas descobertas, se iniciava a busca para o entendimento do porque esses sentimentos eram tão distintos em alguém totalmente distante da feminilidade, e o porquê esses sentimentos tão ambíguos, e quais espaços urbanos causavam cada tipo de experiência.

## **ESPAÇOS DE INSEGURANÇA**

Outros aspectos importantes abordados nas falas dos entrevistados são os locais que causam os desconfortos, ou afeição.

Os elementos que causam o desconforto feminino se repetem, quase que em todas as entrevistas: lugares desertos, centros de cidades, locais com vegetação fechada, locais que provoquem algum tipo de aglomerado masculino e ruas despavimentadas.

Esses sentimentos de desconforto e medo se repetem de inúmeras maneiras, tanto medo em função da sua integridade física, como assedio, assalto, quanto medos do julgamento, pelos conceitos inserido na sociedade onde as mulheres deveriam ser “passivas, obedientes, parcimoniosas, castas, de poucas palavras e sempre ocupadas com suas tarefas” (FEDERICI, 2004, p.203), juntamente com isso medo das pressões estéticas impostas:

“Boteco, construção, lugares que tenham muitos homens aí esses lugares já é mais tenso, principalmente boteco. E assim lugares que só fiquem homens na rua também, padaria às vezes não.” (R, 23 anos)

“se tem uma obra eu não vou passar em frente a obra, vou tentar o máximo possível a não passar em frente a obra... a esquina é sempre um

medo porque você vai virar e não sabe o que vai encontrar, então essas viradas a 90 graus são muito abruptas e até você de repente disfarçar, mudar um caminho isso dificulta, acho que as travessias de rua também são difíceis, quantas vezes a gente tem que disputar com o carro a possibilidade de atravessar ou não e dependendo do horário fica pior ainda porque os carros decidem se eles querem ajudar os pedestres. E como eu falei, por mais essencial que seja eu acho que as árvores podem compor uma barreira física.” (F, 34 anos)

O caminhar ganha papel de incomodo, quando o espaço que se caminha vem de um recorte hierárquico, onde a mulher é colocada em um papel social e isso atribui a elas deveres, e normativas estéticas a serem seguidas.

“O lugar que eu to também, porque agora eu sou a psicóloga da cidade então eu tenho uma função, um papel social e eu preciso andar de uma forma que as pessoas não duvidem da minha capacidade profissional, então assim até a roupa que eu visto as pessoas já me olham tipo - nossa a psicóloga tá usando essa roupa?” (C, 24 anos)

Tais fatores estéticos impostos pelos padrões sociais de feminilidade e poder, reafirmam a segregação do espaço, pois limitam a forma de expressão feminina. Com isso, a autonomia e o direito feminino ao caminhar foram perdidos, e a mulher se tornou refém de uma série de regras e diretrizes a serem seguidas, para realizar suas tarefas diárias com o mínimo de segurança e respeito.

## **ESPAÇOS DE TRAUMA**

A mulher, dentro da sociedade patriarcal foi submetida a um intenso processo de degradação social, o que acarretou em uma diferenciação sexual do espaço, onde a mulher perdeu sua autonomia, e estar desacompanhada de um homem na rua para uma mulher se tornou imoral, estando sujeita a degradação verbal e sexual (FEDERICI, 2004). Com isso a mulher se tornou refém do espaço criado pelos homens, ficando a mercê de sua cultura, e acabaram por se desenvolver diversos medos do espaço, e sendo impedida associar o caminhar a uma atividade exclusivamente prazerosa, fazendo com a mulher tenha muitas preocupações e ressalvas sobre seu caminhar:



“É mais medo assim na verdade não é nem medo, é tipo assim a preocupação de você esconder a bolsa, de alguém tá chegando perto de você, alguém suspeito, essa é a sensação.” (B, 41 anos)

“Aí coisas que eu sempre considere quando eu vou caminhar é o lugar, aonde eu to indo, porque por mais que as vezes eu faço essas caminhadas meio aleatórias eu tenho um certo medo, então ou eu vou fazer isso no centro, ou eu to perto de um lugar que eu moro, não é uma coisa que eu consiga fazer por lugares completamente desconhecidos porque você nunca sabe, nunca sei quem eu vou encontrar, onde eu vou estar com quem eu vou estar né. Acho que outra coisa que eu considero bastante também é o horário em que eu vou caminhar.” (F, 34 anos)

Foi possível entender que as relações no qual o caminhar feminino é construído, carrega diferentes pontos de medos, muito por se tratar de um corpo submisso, onde o medo a integridade física se torna maior, e com isso o receio de ser punida por transitar em um local onde não devia, porque ele não foi pensado para ela, e sim para favorecer ele.

“Eu acho que é medo, medo de tudo que pode acontecer assim. Desde roubo, porque óbvio que eu não quero ser assaltada, não quero ter prejuízo, hoje em dia se rouba seu celular você tá lascado né, tá tudo ali, conta de banco, e-mail, enfim. Além de tudo que pode acontecer, esses desdobramentos acho que medo sobre a minha segurança, e até certo ponto eu fico pensando que as coisas estão tão mais loucas, as ganancias estão mais, eu não sei se as violências estão mais cruéis acho que a gente tá tendo mais conhecimento. Então medo sobre minha integridade física em todos os sentidos, desde enfim, desde o que já aconteceu, eu estar andando na rua e um cara simplesmente senti que

ele podia passar a mão em mim e passar, e é ok na cabeça dele, alguém me estuprar, ou me matar, ou marcar meu corpo com alguma coisa, então são os medos que vão aumentado né? ”

(F, 34 anos)

Esses medos muitas vezes são desencadeados por experiências vividas, abusos e degradações sofridos, ou até mesmo como reflexo da experiência de terceiras, como evidencia Silvia Fredeci:

“A definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atrozes e humilhantes a que muitas delas foram submetidas eixaram marca indelével em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades. ”  
(FEDERICI, 2004, p.203)

Ou seja, a mulher limita seus trajetos, e sua apropriação do espaço, não somente por suas experiências empíricas, mas também nas experiências de outras mulheres. Assim também como a mulher, desenvolve repulsa a locais, e grupos de pessoas, por seus traumas desenvolvidos a partir de suas próprias vivências:

“Então medo sobre minha integridade física em todos os sentidos, desde enfim, desde o que já aconteceu, eu estar andando na rua e um cara simplesmente senti que ele podia passar a mão em mim e passar, e é ok na cabeça dele, alguém me estuprar, ou me matar, ou marcar meu corpo com alguma coisa, então são os medos que vão aumentado né? ”  
(F, 34 anos)

“Tenho medo porque a gente vê [na televisão, na rua] aí pegando as velinhas com 80 anos e estuprando, hoje a gente tem medo de tudo, olhou a gente já tá com medo.” (L, 75 anos)

As mulheres geram traumas após as violências cotidianas vividas, que acabam por identificar os espaços dos ocorridos como hostis, perigosos e que devem ser evitados. Mas também por uma experiência coletiva, onde mulheres que se assemelham a elas sofrem algum tipo de violência, e isso acaba por se tornar mais um impedimento e normativa para o caminhar feminino.

Algumas das entrevistadas mostraram extremo prazer em caminhar, mas em mesma intensidade, um medo que a consome devido a danos sofridos anteriormente com que fizeram a mudança da relação do caminhar, como um fator único de prazer passando a ser agora uma atividade ambígua.

A primeira mudança dessa relação, se apresenta na fase da pré-adolescência, onde a mulher começa a desenvolver traços marcantes da feminilidade, e o seu corpo passa a ser visto como público:

“A primeira vez que eu lembro de alguém ter mexido comigo na rua eu devia ter uns 14 anos e foi uma coisa muito assustadora porque eu morava naquele bairro desde sempre então todo mundo conhecia meus pais, me conheciam da igreja então um senhorzinho se aproximou e eu achei que ele fosse falar qualquer coisa no sentido de - manda um abraço pra sua mãe, eu nem sei quem ele era na verdade achei que podia ser alguém desse contexto, e ele pegou e falou assim pra mim - nossa você é muito bonita heim, sua danada! Tipo cara eu to andando na rua tava indo comprar pão e achei que você fosse querer mandar um abraço pra minha mãe sei lá e aí você faz isso? Então essa memória voltou muito forte esses tempos.” (F, 34 anos)

“Acho que eu tinha 14/15 anos, e eu ia todo dia sozinha pra escola, e pra casa assim, algumas vezes com meus irmãos, mas geralmente sozinha porque cada um saia em um horário e a gente tava acostumado a ir sozinho.

“Enfim, aí eu tava indo e nisso parou um carro do meu lado pedindo uma informação, eu dei essa informação mas foi muito rápido, e de repente ele saiu do carro com uma arma na minha cabeça me colocando dentro do carro. Foi isso, em um lugar deserto, ninguém viu. Não fizeram nada, aí o cara doido me levou pra um local me fez um monte de perguntas, falou que sempre me via, e depois ele me deixou praticamente no mesmo local que me pegou, só que mais na estrada.”  
(B, 41 anos)

Algumas das violências sofridas são tão lascivas que geram traumas irrecuperáveis, e fazem com que as mulheres estabeleçam uma série de questões para a realização do caminhar, e principalmente que haja a mudança da dinâmica do mesmo. Quando questionadas se depois desses ocorridos elas continuaram caminhando com o mesmo prazer, a resposta foi:

“Não, não não. Eu tinha um amigo que estudava comigo, e ele já dirigia e ele me levava e me buscava todo dia, e várias pessoas se mobilizaram a fazer isso, a me levar e me buscar.” (B, 41 anos)

As mulheres começaram a seguir regras, para evitar passar por essas violências novamente, e para realizar o caminhar começaram a ter preparações com padrões rigorosos estabelecidos:

“Eu tava indo pra academia com roupa de academia, e eu tava passando e o cara tava passando na de volta, na direção oposta e ele passou por mim e falou “nossa que bucetão”, e eu me senti tão mal, tão mal, que

até hoje quando eu uso legging eu cubro e agora pra mim é impensável sair na rua com uma legging e não cobrir a genitália.” (E, 35 anos)

“Eu tento usar coisa menos decotada, usar tipo assim uma regata que não mostra tanto o decote, ou que não seja curta, nem saia curta nem short por exemplo, se você for andar em um lugar mais longe, que você vai andar mais, você sabe que vai pegar ônibus por exemplo, que vai ter mais gente, tenta evitar coisas mais chamativas, porque você sabe que vai ter mais olhares.” (J, 25 anos)

“Não gosto de usar roupa decotada porque eu sei que as pessoas vão olhar e eu me sinto mal com isso, não que eu não gosto de roupa decotada, eu não gosto de colocar quando eu vou andar né porque as pessoas olhar. Eu não gosto de usar saia, vestido, porque se eu tiver que subir em algum lugar vou me sentir desconfortável, porque as pessoas vão olhar, não gosto de short.” (B, 41 anos)

Com esses relatos, é possível traçar o momento em que a relação do caminhar se torna ambígua, e é começa a ser visto como perigo constante. Onde na infância a rua é um local de lazer, e na pré-adolescência com o desenvolvimento do seu corpo a mulher sofre os primeiros abusos físicos e verbais e o caminhar passa a ser desconfortável e com isso evitado. Na fase adulta, após sofrer e presenciar abusos constantes, a mulher adquire métodos de prevenção, e cria relações de vestimenta, horários, locais, rotas, para que o caminhar seja minimamente desconfortável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos permitiu compreender em como os aspectos culturais construídos sobre uma ótica capitalista e patriarcal, interferir diretamente do direito a cidade feminino, assim

como modificou o desenho da cidade e estabeleceu normativas de planejamento urbano em que apenas a figura masculina seja considerada.

Concomitante a isso, entendeu-se que o caminhar ganhou, para as mulheres, uma conotação de ambiguidade, onde os sentimentos se dissipam entre liberdade e medo, fazendo com que tudo que seja atrelado a feminilidade, ganhe certa vulnerabilidade nos espaços públicos. E devido a isso o caminhar feminino é realizado, em sua maioria, por extrema necessidade.

Como outro ponto importante, foi percebido que os elementos físicos, tais como comércios de bairros, praças, parques, iluminação, paisagismo, influenciam na qualidade da caminhabilidade feminina.

Como conclusão se torna evidente que a mulher experimenta diversos tipos de assédios e violências, dependendo do lugar em que ela caminha. Abusos esses desde pressão estética social, assédios sexuais constantes, e por muitas vezes abusos físicos. Nos tornando evidente a extrema necessidade de um novo diálogo do planejamento urbano, sobre a ótica feminina.

## REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça as bruxas**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

FUJISAKA, A. P. **O Familiar cuidador e o processo de fim de vida e morte de seu ente querido: uma compreensão fenomenológica**. 2014. 491 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOMES FONSECA, K. Mulheres Caminhantes! Auditoria de Segurança de e Caminhabilidade. **SampaPé**, vl. 01, n 8 - 88, abril, 2018.

GRIECO, Elisabeth P. **O ambiente construído e sua influência na caminhabilidade**. Researchgate, 2020. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/341878836\\_O\\_ambiente\\_construido\\_e\\_sua\\_influencia\\_na\\_caminhabilidade](https://www.researchgate.net/publication/341878836_O_ambiente_construido_e_sua_influencia_na_caminhabilidade)>. Acesso em: nov. 2020.

HARKOT, Marina. **Como o ambiente construído incentiva mulheres e homens a caminhar de maneira diferente pelas cidades**. LAbcidade, 2017. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/como-o-ambiente-construido-incentiva-mulheres-e-homens-a-caminhar-de-maneira-diferente-pelas-cidades/>> Acesso em: nov 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO (IBDU). **Direito à Cidade**: uma visão por gênero. São Paulo: IBDU, 2017.

LINKE, Clarisse. C; ANDRADE, Victor. **Cidades de pedestres**: A caminhabilidade no Brasil e no mundo. Edições Relicario, 2017.

NASCIMENTO, Adriana. **O caminhar é para todas?** Uma abordagem de mulheres latinoamericanas sobre derivas e flâneries na contemporaneidade. ANPUR, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiiananpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=867>>. Acesso em: nov 2020.

NGOZI ADICHIE, C. **Sejamos Todos Feministas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

NOVAS FERRADÁS, M. **Arquitectura y Género**: una Reflexión Teórica. Catelló: Universitat Jaume I, 2014.

QUEIROGA, E. F. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. 2012. 284 f. Tese (Livre Docência - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. - São Paulo: Ed. 34, 2009.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: A colonização de terra e moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

SEBALHOS, C., FLORES, A e COELHO, D (2019). Violência, gênero e urbanismo: Aspectos Da Dominação Masculina Na Organização Das Cidades. **Pixo**, v.3, n. 9, p. 80-91, dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/17455/10629>. Acesso em: fev 2021.

WEHMANN, H. E. **Habitar a paisagem**: O reconhecimento da experiência estética como direito à cidade. 2019. 285 f. Tese (Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Área de concentração paisagem e ambiente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.